

PLANO DE CURSO			
NOME DA DISCIPLINA	TEORIA DO CONHECIMENTO III		
CÓDIGO	GFL00076		
DOCENTE	CARLOS DIÓGENES CÔRTEZ TOURINHO		
DIA/HORÁRIO	SEXTA-FEIRA	HORÁRIO	14:00 H – 18:00 H

EMENTA E OBJETIVOS

O curso pretende abordar o cogito em Descartes, Kant e Husserl. Será mostrado inicialmente que o alcance intuitivo da certeza do *cogito* em Descartes inaugura a ordem das razões, constituindo-se, do ponto de vista epistêmico, como a “primeira certeza”. Trata-se, portanto, do cogito e do que ele *implica* nesse grande “colar de deduções”. Num segundo momento, o curso mostrará que, para Kant, o “eu que pensa” *não* se confunde com o “eu que existe”, visto que possui validade transcendental e não pode, por isso, ser tratado em termos de dados empíricos. Trata-se, antes de uma “representação anômala” que precede e acompanha, permanentemente, as demais representações que lhe pertencem. Por fim, em Husserl, o cogito traz, em sua imanência, uma relação intencional com o objeto visado (*cogitatum*). Trata-se de investigar aquilo que, no ato, determina “o que” é intencionado e “como” é intencionado. Portanto, a fenomenologia aprofunda-se não no que o cogito *implica* (como vemos em Descartes), mas no que ele *inclui*. Além disso, Husserl fala em linguagem kantiana ao afirmar que os atos intencionais são precedidos e acompanhados permanentemente por um “eu polo”. Contudo, ao considerar a dimensão temporal dos atos intencionais, nota-se uma autoconstituição da vida subjetiva, permitindo-nos dizer que o eu é, por um lado, *sempre* o mesmo e, por outro, *nunca* é o mesmo.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Será mostrado, inicialmente, que o alcance intuitivo da certeza do *cogito* em Descartes inaugura a ordem das razões, constituindo-se, do ponto de vista epistêmico, como a “primeira certeza” dessa ordem. Analisaremos o argumento do cogito e suas formulações em *Discurso do Método* e em *Meditações Metafísicas*. Mostraremos que, em Descartes, trata-se, portanto, do cogito e do que ele *implica* nesse grande “colar de deduções”; abordaremos ainda a indissociabilidade entre “pensar” e “existir” na proposição “penso, logo existo”; por fim, trataremos da distinção ontológica e metodológica (ou “epistêmica”) entre *res cogitans* e *res extensa*.
2. Em um segundo momento, o curso mostrará que, para Kant, o “eu que pensa” *não* se confunde com o “eu que existe” (isto é, com o “eu empírico”), visto que possui validade transcendental e não pode, por isso, ser tratado em termos de dados empíricos. Nesse sentido, Kant irá, na Dialética Transcendental, acusar Descartes de incorrer em um “paralogismo psicológico”. Mostraremos que, para Kant, o eu que

pensa é, antes, uma “representação anômala” que precede e acompanha, permanentemente, as demais representações que lhe pertencem. Se as faculdades da sensibilidade e do entendimento fornecem-nos, respectivamente, representações intuitivas e conceituais, é na medida em que tais representações *pertencem* a um sujeito numericamente idêntico que as precede e acompanha permanentemente.

3. A terceira parte do curso será dividida em dois tópicos: no primeiro deles, mostraremos que, em Husserl, o cogito traz, em sua imanência, uma relação intencional com o objeto visado (*cogitatum*). Trata-se de investigar, já em *Investigações Lógicas*, aquilo que, no ato, determina “o que” é intencionado e “como” é intencionado (examinaremos a distinção e a relação entre matéria e qualidade de um ato intencional). Portanto, a fenomenologia aprofunda-se não no que o cogito *implica* (como vemos em Descartes), mas no que ele *inclui*.
4. No segundo tópico da terceira parte, mostraremos que Husserl fala, em *Ideias I*, em linguagem kantiana ao afirmar que os atos intencionais são precedidos e acompanhados permanentemente por um “eu polo” (fonte constituidora “não-constituída”). Contudo, ao considerar, em *Meditações Cartesianas*, a dimensão temporal dos atos intencionais, nota-se uma “autoconstituição” da vida subjetiva, permitindo-nos dizer que o eu é, por um lado, *sempre* o mesmo (enquanto fonte constituidora de sentido) e, por outro, *nunca* é o mesmo (posto que o fluxo dos vividos intencionais, a decisão de reter e retornar, como um hábito, a um desses vividos, faz com que a vida subjetiva se modifique a cada ação constituidora).

INSTRUMENTOS DE ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO

A avaliação da disciplina consistirá em duas provas escritas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. Descartes, R. *Discurso do Método*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
2. _____. *Meditações sobre Filosofia Primeira*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2004.
3. Kant, I. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
4. Husserl, E. *Investigações Lógicas*. Volume 2. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
5. _____. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Aparecida-SP: Ideias e Letras, 2006.
6. _____. *Meditações Cartesianas e Conferências de Paris*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

1. Battisti, C. A. O método de análise em Descartes. Cascavel/PR: EdUNIOESTE, 2002.
2. Hume, D. *Tratado da Natureza Humana*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
3. Fragata Sj, J. *A Fenomenologia de Husserl como fundamento da filosofia*. Braga: Cruz, 1956.
4. Kant, I. *Prolegômenos a toda a metafísica futura*. Lisboa: Edições 70, 1987.
5. Tourinho, C. D. C. “Matéria e Qualidade do ato intencional: o duplo sentido do modo da relação objetiva na V Investigação de Husserl”. In: *Cognitio: Revista de Filosofia*. Volume 10, número 1 (janeiro/julho de 2010), pp. 117-127.
6. _____ “O problema da autoconstituição do eu transcendental na fenomenologia de Husserl: de *Ideias I* a *Meditações Cartesianas*”. In: *Revista Trans-Form-Ação*, Unesp/Marília, Volume 39, Nº 03 (julho-setembro de 2016), pp. 87-100.